

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ROGÉRIO DA SILVA ROCHA

FINITUDE HUMANA COMO TEMA NA DISCIPLINA DE FILOSOFIA NO
ENSINO MÉDIO

CURITIBA

2018

ROGÉRIO DA SILVA ROCHA

FINITUDE HUMANA COMO TEMA NA DISCIPLINA DE FILOSOFIA NO
ENSINO MÉDIO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, do Setor de Educação da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Me. Rondinelly Gomes Medeiros

CURITIBA

2018

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar uma proposta de abordagem do tema da finitude humana no Ensino Médio, na disciplina de filosofia. Pressupomos que os jovens não tem se dado conta da própria finitude, vivendo, por isso, uma vida desregrada. Tanto teístas quanto ateístas, ante a finitude, possuem semelhanças em alguns conceitos no que tange a consciência da realidade mortal, ambos os grupos procuram viver uma vida virtuosa. Por causa da procura de viver prazeres intensos, muitos jovens buscam alento nos vícios e quando não o encontram se deparam com angústia e desespero, o que, em casos extremos, tem levado ao suicídio. Sugerimos que inserir uma reflexão filosófica a respeito do tema finitude pode transformar o discente em sua relação consigo mesmo e com o mundo, como cidadão ético e autêntico.

Palavras chave: Finitude humana, consciência, Ensino Médio.

ABSTRACT

This work intends to present a proposal to approach the theme of human finiteness in High School, in the discipline of philosophy. We assume that young people have not realized their own finitude, living, therefore, an unruly life. Both theists and atheists, before finitude, have similarities in some concepts regarding the consciousness of mortal reality, both groups seek to live a virtuous life. Because of the desire to live intense pleasures, many young people seek encouragement from their addictions and when they do not find it, they face anguish and despair, which, in extreme cases, has led to suicide. We suggest that inserting a philosophical reflection on the subject finitude can transform the student in his relation with himself and with the world, as an ethical and authentic citizen.

Key words: Human finitude, consciousness, High School.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. CONCEPÇÕES DE FINITUDE HUMANA	7
1.1 Percepções do senso comum a respeito da finitude humana	8
1.2 Concepções teísta e ateísta sobre a finitude	8
1.3 Conceito biológico sobre a finitude	10
2. A FINITUDE HUMANA COMO TEMA DE ESTUDO	12
2.1 O estudo sobre a finitude ao longo da história da filosofia	12
2.2 Consciência sobre a finitude para tornar a existência autêntica	17
2.3 Os discentes do Ensino Médio e a necessidade da consciência finita	19
3. DIDÁTICA PARA O TEMA FINITUDE HUMANA COM DISCENTES DO ENSINO MÉDIO	22
3.1 Relação de finitude humana com a vivência dos discentes	23
3.2 Metodologias para aplicar o tema finitude aos discentes	25
3.3 Reflexões filosófico-pedagógicas sobre a proposta do tema finitude	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade o ser humano tem se preocupado com a sua finitude e com a de seus entes. Talvez esta preocupação esteja associada a uma necessidade biológica, ao querer estar vivo, ser eterno, e a saudade daqueles aos quais não se poderá mais ver. Angustia-o o fato de produzir, criar e estar a todo instante planejando um futuro melhor, uma satisfação do ego e, no entanto, perceber que tudo em algum momento vai deixar de existir.

No primeiro capítulo deste trabalho iremos especular acerca de como as pessoas agem e pensam a respeito da própria finitude e da de outros. Apresentaremos as concepções teístas e ateístas acerca da finitude, suas divergências e semelhanças naquilo que concebem distinguir o ser humano. De um lado, mortal, um ser que caminha para a morte e, de outro, imortal, um ser que perdura: uma vida aparentemente paradoxal, morrer para viver. Em seguida, apresentaremos também a compreensão biológica dessa realidade, a de um humano que vive e que cumpre suas funções, inserido na natureza.

No segundo capítulo procuraremos abranger de maneira didática a questão do estudo da finitude humana ao longo da história, procurando mostrar a importância da consciência a respeito da mortalidade, desde a qual, o ser humano, ao fazer uma reflexão sobre o não ser eterno e se colocar diante da realidade, tanto na concepção teísta quanto na ateísta, poderá possuir uma vida autêntica, no sentido de viver aquilo que é verdadeiro, ou seja, não se ocupar com equívocos ou coisas fúteis e sim apresentar-se como aquele que é, um ser com suas grandezas e misérias. Por conseguinte, destaca-se a importância da abordagem do tema da consciência da própria finitude junto aos alunos do Ensino Médio, acreditando que os mesmos possam autenticar a própria existência enquanto são adolescentes.

No terceiro capítulo chegaremos ao objetivo principal deste nosso trabalho que é a proposta do tema finitude na disciplina de filosofia para o Ensino Médio. Aqui refletiremos sobre a importância pedagógica na vida do discente, no que se refere a este tema. De princípio, tentaremos buscar e propor didáticas e metodologias que melhor se encaixem e traduzam métodos eficazes de modo a não deixar os alunos angustiados com aulas tediosas, levando em conta a vida do aluno como sujeito de estudo do tema, oferecendo-lhe, assim, oportunidade de reflexão prática.

Ao fim do trabalho, também sugerimos uma avaliação/reflexão da proposta pedagógica sobre o tema, considerando a validade das sugestões aqui elaboradas, tendo em vista a finalidade de provocar a reflexão sobre a realidade (pois isso é o próprio da filosofia: a

reflexão e o pensamento, que levaria o homem à “vida boa” e a encontrar a felicidade através da verdade). Acreditamos, portanto, que a consciência sobre a finitude é de extrema importância para que o sujeito consciente de tal realidade tenha uma existência de uma forma autêntica.

Concluiremos propondo a finitude humana como conteúdo específico a ser abordado no Ensino Médio, de maneira dinâmica e com didáticas educativas, utilizando-se de metodologias atraentes. Assim, acredita-se que o aluno do Ensino Médio terá meios reflexivos para engendrar um novo ser, consciente da finitude e autêntico nos seus comportamentos, cidadão capaz de olhar o próximo sem caráter discriminativo ou preconceitos, mas com gestos e atos que traduzem um verdadeiro humano mortal.

1. CONCEPÇÕES DE FINITUDE HUMANA

Desde que o ser humano se encontra no mundo e se reconhece como um ser que existe, sabe que também deixará de existir. O fato evidente é que tudo o que existe em algum momento irá desaparecer ou não ser o que é; e, no entanto, cremos (alguns de nós) que o ser humano é o único ser que sabe desta condição. Assim, um pensador do início da idade moderna, Blaise Pascal afirmou: “Tudo o que sei é que devo morrer logo e, contudo, o que mais ignoro é essa morte que não poderei evitar” (PASCAL, 1979, p. XXIII). Pascal esclarece que o ser humano é consciente de sua finitude, porém ignora tal realidade. O ser humano concebe tal finitude por meios de tradições religiosas e/ou pela cultura na qual o indivíduo está inserido. Portanto, surgem diversas concepções de finitude, algumas conformistas, outras realistas.

As concepções conformistas são aquelas que estão ligadas as tradições religiosas. Os teístas, em geral, concebem uma morte apenas corporal e que o ser humano tendo ou sendo alma, destina-se à eternidade; esta ideia tende a fornecer conformação e conforto, no sentido de que a concepção de que jamais morreremos traz uma despreocupação do deixar de existir e leva ao conforto de esperar “continuar vivo” mesmo sem o corpo físico, desejo e crença de boa parte dos seres humanos.

Mesmo neste tipo de “conformidade” o ser humano se angustia, pois a fé concebe Deus pela crença, não podendo provar a sua existência e nem a ideia de vida pós-morte. O ser humano também se angustia com o mundo, por perceber certos acontecimentos e não poder resolvê-los. Entretanto, “a angústia é a possibilidade de liberdade: somente a angústia, através da fé, tem a capacidade de formar, enquanto destrói todas as finitudes” (KIRKEGGARD *apud* PENHA, 2001, p. 27).

No grupo dos realistas, se assim podemos defini-los, está boa parcela dos ateístas que concebem a existência humana da mesma forma que a de qualquer outro ser vivo que nasce, cresce e morre. Esta concepção privilegia a perspectiva de que o ser humano possui uma existência puramente biológica, com suas necessidades instintivas e seus comportamentos fisiológicos como as de qualquer outro animal.

Conformistas e realistas ante a finitude possuem semelhanças em seus conceitos, no fato de que todos pretendem possuir uma vida virtuosa, também, percebemos que a morte é incompreensível por completo. Epicuro, filósofo da antiguidade afirma:

(...) jamais nos encontraremos frente a frente com a nossa própria morte. Considerando que enquanto nós estivermos presentes ela estará ausente, restando-nos apenas especulação do que seria a própria morte, não existindo o fenômeno. Quando ela estiver presente, então seremos nós que estaremos ausentes. (EPICURO *apud* MARANHÃO, 1998, p.66)

Deparamo-nos, então, com a morte do outro, mas não com a nossa própria, para assim ter dela uma compreensão por completo. Talvez, quando chegar o momento de findarmos, saberemos; porém, não haverá tempo para descrever tal ocasião ou experiência. Mesmo que pudéssemos descrevê-la, as palavras seriam impotentes para provar a experiência da morte. Assim, será de certa forma inútil discutir as sensações da morte. Resta-nos agora nos comprometermos com a experiência de existir, de ser.

1.1 Percepções do senso comum a respeito da finitude humana

O indivíduo inserido na sociedade percebe durante a sua existência que, à medida que os dias vão passando, o corpo sente-se se debilitando, assim como um animal ou um mesmo um ser inanimado, como pedras ou coisas feitas com matérias-primas, que se destroem com o passar do tempo.

Quando assiste a seus entes queridos perecendo, de início isto parece ser algo assustador, como se não fosse natural. A aflição pela morte do outro provoca uma reflexão sobre a própria existência e seu papel no meio em que vive. Luto e saudade pelo que se foi. Angústia ao saber que em breve chegará sua vez. Sente-se o desejo de escapar e encobertar a realidade da finitude.

Ao velar outro humano se fazem inúmeros rituais, geralmente religiosos, com superstições e demais tradições para confortar os familiares de maneira a amenizar o sofrimento da perda. Assim, reúnem-se parentes e amigos que se abraçam e choram juntos, unindo-se e prestando homenagens ao ente querido que findou sua existência.

De maneira geral, com os afazeres do dia-a-dia, poucos param para refletir sobre a tal realidade mortal. E assim, ao nível do senso comum, tem-se uma percepção supersticiosa morte, sem estudos minuciosos ou reflexões fundamentadas acerca da finitude.

1.2 Concepções teísta e ateuista sobre a finitude

Grande parte da população mundial possui crenças; são os chamados teístas, pessoas que creem na existência de um Deus ou mais de um. Para os que creem, a concepção a

respeito da finitude está ligada ao sobrenatural, à noção da imortalidade da alma. A alma como sendo eterna e infinita.

Para os teístas a morte é considerada uma passagem para outra dimensão. Celebra-se a morte de maneira a preparar o “caminho” a outro estado de vida. As orações e demais argumentos religiosos a respeito da finitude, quando da morte de um ente querido, conforta e capacita os vivos a continuarem sua existência para que em breve estejam preparados a também realizarem essa mesma passagem.

As comunidades teístas portam valores morais que revelam uma harmonia de vivência com o outro. Os valores ligados às crenças estabelecem uma espécie de vigilância onipresente, como se alguém estivesse observando o comportamento de cada indivíduo: “Deus está olhando”. Ao acreditar neste observador o ser humano tende a agir de modo ético e justo; não que necessariamente para ser ético deva-se ser teísta, mas, para a consciência do crente, um ato subversivo dos valores éticos acarreta um castigo pelo Ser Supremo, enquanto o bom fiel será recompensado com uma vida melhor do que a que está vivendo.

Desta maneira, o objetivo final de um teísta é não findar sua existência e sim possuir uma vida eterna banhada no amor, sem dores, sem sofrimentos. Estar com Deus. Um sonho, um ideal de uma vida perfeita.

Para o ateu, que nega a existência de Deus, a finitude humana é concebida de maneira que a vida é o ser agora. Desta maneira faz-se necessário viver a cada dia como se fosse o último. Uma busca constantemente pelos momentos de satisfação, desejos e alegrias.

Não havendo Deus o indivíduo sente-se só, com sua própria consciência. Um ser inserido em um mundo em que não há nada além da morte, nem há possibilidade de saber se há, pois ainda não experimentamos a morte. Ao pensar o nada, o vazio, o homem se põe diante de si mesmo, não negando o seu ser, mas, pelo contrário, redescobrimo-se como um ente aberto ao Ser:

O nadificar não é um episódio casual, mas como remissão (que rejeita) ao ente em sua totalidade em fuga, ele revela este ente em sua plena, até então oculta, estranheza como o absolutamente outro – em face do nada. Somente na clara noite do nada da angústia surge a abertura do ente enquanto tal; o fato de que é ente – e não nada. Mas este “e não é nada”, acrescentado ao nosso discurso, não é um esclarecimento tardio, mas a possibilidade prévia da revelação do ente em geral. A essência do nada originariamente nadificante consiste em: conduzir primeiramente o ser-aí diante do ente enquanto tal (HEIDEGGER, 1989b, p.141; 1996, p.144)

O ser-aí diante do ente é o ser diante de si mesmo, que se encontra e se conhece com um ente do qual está por se fazer o seu ser existente, e que, ciente da sua finitude, faz reflexões

sobre o sentido da própria existência, se angustia e se revela a si mesmo, buscando sair de uma vida inautêntica e tentando alcançar a autenticidade da existência.

Os existencialistas ateus, a exemplo de Sartre, afirmam que a existência do homem é anterior àquilo que será. Antes de ser, o homem apenas existe e depois se define.

O existencialismo ateu, que eu represento, é mais coerente. Declara ele que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito, e que este ser é o homem ou, como diz Heidegger, a realidade humana. Assim, não há natureza humana, visto que não há Deus para a conceber. O homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência: o homem não é mais que o que ele faz. Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade de sua existência. (SARTRE. 1978, p.6)

Segundo Sartre, o existencialismo ateu coloca o homem diante da total responsabilidade de/por sua existência; não responsabilidade pelo fato de existir, visto que isso depende da decisão de outrem, mas pelo fato de, após estar no mundo e ter consciência de que existe, dever responder pela sua essência, pelo seu ser. A essência pressupõe a liberdade de escolhas e a responsabilidade pelo vir a ser.

A inexistência de Deus, na concepção ateu, delega ao homem a total responsabilidade pelo próprio ser e suas ações no mundo, para consigo mesmo e para com o outro. Não há desculpas por não possuir uma vida autêntica, a não ser que se queira passar toda uma existência enganando o outro ou a si próprio, algo que seria inútil.

1.3 Conceito biológico sobre a finitude humana

Assim como a filosofia, a biologia buscou respostas sobre certas indagações a respeito da finitude humana. Porém, diferentemente da filosofia, a ciência utiliza-se de hipóteses e experimentos com métodos diversificados para, após várias análises, chegar a conclusões que se dizem como verdade.

No caso da morte humana, a ciência não faz qualquer distinção entre esta e a morte de qualquer outro organismo vivo. O ser humano não passa de um primata do velho mundo que de alguma forma teve seu cérebro mais desenvolvido e foi capaz de desenvolver a linguagem, aprender a utilizar ferramentas e descobrir um método eficaz de compreensão do mundo. A ciência não é antropocêntrica, para ela o homem é visto apenas como mais um animal (PRODOSCIMI, s/d, p.2).

Ao chegar às conclusões a respeito de um determinado tema, aqui especificamente sobre o tema a finitude, a biologia ou ciência, conclui que o ser humano é um ser como qualquer outro ser vivo, que luta pela própria sobrevivência e pela de sua prole.

O homem na concepção biológica, pode se diferenciar de outros seres pelo desenvolvimento do seu cérebro, que evoluiu mais do que os de outros animais e por isso é capaz de produzir certas invenções, de elaborar raciocínios, linguagens e demais competências.

No campo biológico a finitude é o deixar de existir, ou melhor, “a ciência encara a morte, portanto, como o fim das funções vitais de um organismo” (PRODOSCIMI, s/d, p.2). Portanto, na biologia o homem é concebido sem a usual distinção entre corpo e/ou alma, mas como um ser vivo que nasce, cresce e morre, se aproximando, assim, da noção de finitude dos ateístas.

2. A FINITUDE HUMANA COMO TEMA DE ESTUDO

A finitude humana é, geralmente, deixada em segundo plano como conteúdo programático do ensino; e isso, talvez, seja até mesmo uma forma de negar a própria condição de finitude. Ao ser sugerida como conteúdo de aula, os demais profissionais da educação demonstram certo preconceito e até mesmo afirmam haver ali um equívoco, já que não haveria possibilidade de se trabalhar ou de se discutir tal conceito.

Este preconceito, muitas vezes, provém do fato de que muitos veem esse campo de estudo pelo seu viés religioso e não como objeto de investigação. Há, ainda, no intuito, talvez, de “preservá-los” do suposto sofrimento acarretado pela consciência da finitude, o argumento de que os alunos seriam muitos jovens para discutir tal tema. Aqui caímos no perigo de nos eximirmos, enquanto educadores, de preparar o ser humano para a reflexão sobre a morte, a de outro(s) e a própria. O discurso sempre será o mesmo, o de que “a escola prepara o aluno para a vida”. Essa frase está de certa maneira equivocada quando não se trabalha o tema finitude humana, pois é a partir da consciência finita que paramos para pensar sobre a própria vida. Não refletir sobre a finitude é como matar um modo fundamental de conhecimento especulativo e, por conseguinte, matar um modo ímpar de melhorar a própria forma de viver; como afirma Nietzsche, “uma outra morte, sem dúvida” (NIETZSCHE, 1950, p. 47).

Engana-se o educador que possui uma mentalidade de “preservação” sobre o pensar a morte. Pensar a morte é uma atividade educativa, um aprendizado sobre a vida, a existência. Se jovens e adultos partilharem e contemplarem a beleza do viver, se tornarão, provavelmente, seres que procuram a essência das coisas e passam a aproveitar melhor ao menos a própria existência.

A famosa frase “*Carpe diem*”, que pode ser traduzida como “aproveite o momento” ou “aproveite o dia”, estaria ligada à noção de consciência finita. O estudo sobre a finitude vai além de um mero conteúdo de estudo sobre um objeto; nele o ser humano passa a ser o próprio sujeito de estudo, ao pensar a própria existência no hoje e na possibilidade de um fim amanhã.

2.1 O estudo sobre a finitude humana ao longo da história da filosofia

Na história da filosofia diversos autores se debruçaram sobre o tema da finitude do ser humano. Desde os primeiros filósofos, como os pré-socráticos, o próprio Sócrates e muitos

que vieram depois dele. Gostaríamos de destacar, aqui, a figura de Sócrates, pensador de referência para quase toda a filosofia até os nossos dias.

Assim como diversos filósofos, Sócrates procurou um sentido da e para a própria existência, diferenciando-se dos filósofos precedentes (hoje chamados de pré-socráticos) por fazer perguntas retóricas aos demais, seus ouvintes, para que pudessem, também eles e por eles mesmos, encontrar um sentido para a própria vida. Sócrates procurava a verdade e acusava aqueles que iam contra esse princípio. Desta maneira auxiliava as pessoas a “dar à luz” os próprios pensamentos, recurso pedagógico chamado de maiêutica¹.

Sócrates argumentava acerca da necessidade de saber morrer e discutia com seus discípulos o que seria a morte e o porquê do medo desta finitude. A morte para Sócrates é grandiosa na medida em tenhamos tido uma vida virtuosa, fazendo o bem e agindo conforme a verdade. Orientando a juventude e os mais velhos a possuírem uma vida mais autêntica, dizia:

Outra coisa não faço senão andar por aí persuadindo-vos moços e velhos a não cuidar tão aferradamente do corpo e das riquezas como de melhorar o mais possível a alma dizendo-vos que dos haveres não vem a virtude para os homens, mas da virtude vem os haveres e todos os outros bens particulares e públicos. Se com esses discursos corrompo a mocidade seria nocivo esses preceitos; se alguém afirmar que digo outras coisas e não essas, mente. Por tudo isso, atenienses [...], quer me dispenseis, quer não, não hei de fazer outra coisa ainda que tenha de morrer muitas vezes (PLATÃO, 1980, p. 15).

Este pronunciamento feito por Sócrates ao povo ateniense se deu no momento em que o filósofo estava próximo de sua condenação à morte. Mesmo assim, firme, sereno, tranquilo, procura mostrar que a sua função é ajudar as pessoas a perceberem aquilo que é essencial, buscar uma existência melhor e uma vida generosa e virtuosa. Para o filósofo, sábio é aquele que vive por uma causa, que vive da verdade e de suas virtudes. Sócrates não teme a finitude, não se importa se irá morrer, o que importa para ele é viver a verdade. Afirma: “Com efeito, senhores, temer a morte é o mesmo que supor-se sábio quem não o é, porque é supor que sabe o que não sabe” (PLATÃO, 1980, p.15).

Sócrates não afirma o que é a morte, mas questiona:

¹ Maiêutica. Inseparável da teoria platônica da reminiscência, a maiêutica - momento essencial da dialética - é o procedimento de Sócrates que, a exemplo de sua mãe que era parteira, lhe permite "parir" os espíritos, ou seja, fazer seus interlocutores (re) descobrirem verdades que carregam em si sem saber, como mostra o interrogatório do jovem escravo em *Mênon*. O espírito da maiêutica encontra-se não apenas em qualquer pedagogia que insiste no valor insubstituível da reflexão pessoal, mas até na própria psicanálise. (DUROZOI, G. e ROUSSEL, 1993 *apud* GREGÓRIO, 2010, s/p)

ninguém sabe o que é a morte, nem se, porventura, será para o homem o maior dos bens; todos a temem, como se soubessem ser ela o maior dos males. A ignorância mais condenável não é essa de supor saber o que não sabe? (PLATÃO, 1980, p.18).

Essa indagação socrática traz uma série de questionamentos em relação àquilo que achamos saber a respeito da morte. Impossível sabermos se morrer será o melhor ou pior. O que Sócrates questiona é o momento presente, a ignorância de um fato, ou o afirmar saber algo que não se sabe: isso torna o homem mais condenável.

Desta maneira não há necessidade de temer aquilo que não sabemos o que é, ainda mais se vivemos de forma honrosa, segundo valores morais. Como, para Sócrates, a morte seria um passagem para uma outra dimensão, ele acredita que este momento poderá ser uma coroação daquilo que fizemos durante a nossa existência; e mesmo se não existir nada após a morte, ainda assim não será ruim:

Morrer é uma destas duas coisas: ou o morto é igual a nada, e não sente nenhuma sensação de coisa nenhuma; ou, então, como se costuma dizer, trata-se duma mudança, uma emigração da alma, do lugar deste mundo para outro lugar. Se não há nenhuma sensação, se é como um sono em que o adormecido nada vê nem sonha, que maravilhosa vantagem seria a morte (PLATÃO, 1980, p. 26).

Considerando isso, Sócrates não temeu nem a sua própria morte. Mesmo estando condenado decidiu morrer dignamente, pois tinha sua consciência tranquila do que realizara durante sua existência até aquele momento. Preferiu morrer com a verdade a ser injusto, como muitos eram, sobretudo os que governavam as cidades.

Mais tarde, no período medieval, os estudos sobre a finitude humana estarão direcionados ao pensamento cristão, por meio da imposição de certos dogmas pela Igreja Católica, verdades prescritas que não eram passíveis de questionamento. Neste período a filosofia teve influência para justificar a fé com argumentos racionais, mas sem contrariar os próprios dogmas estabelecidos.

A morte era concebida de forma corpórea e como passagem da alma para um dos três destinos da vida pós-morte, o céu, o inferno ou o purgatório. A alma poderia ser julgada pelos próprios líderes religiosos, mesmo após a morte do indivíduo. Surgem concepções teóricas na Patrística, por influência de Agostinho de Hipona, considerado um neoplatônico, por resgatar algumas ideias platônicas, sobretudo as noções de imortalidade e superioridade da alma em relação ao corpo.

Sendo então a alma imortal e tendo nascido muitas vezes, e tendo visto tanto as coisas aqui quanto as no Hades, enfim todas as coisas, não há o que não tenha aprendido; de modo que não é nada de admirar, tanto com respeito à virtude quanto ao demais, ser possível a ela rememorar aquelas coisas justamente que já antes conhecia. Pois, sendo a natureza toda congênera e tendo a alma aprendido todas as coisas, nada impede que, tendo rememorando uma só coisa – fato esse precisamente que os homens chamam aprendizado –, essa pessoa descubra todas as outras coisas, se for corajosa e não se cansar de procurar. Pois, pelo visto, o procurar e o aprender são, no seu total, uma rememoração (PLATÃO, 2001, p.81).

Assim como Platão, Agostinho concebe a alma como entidade superior ao corpo, sendo a função daquela libertar-se deste, e elabora a noção de que possuímos uma memória vinculada à alma, não de forma inata, mas como dado por Deus. Entretanto, Agostinho faz uma espécie de seleção das ideias da filosofia platônica, adotando apenas o que percebeu como estratégico para a elaboração de suas obras relacionadas à fé cristã.

(...) Santo Agostinho trai a influência do platonismo. O homem é uma alma que usa um corpo; ou, uma alma racional, que se serve de um corpo terrestre e mortal; ou, “uma alma racional que tem um corpo”. Tudo indica que, para Santo Agostinho, o homem é a alma. E, contudo, há textos que parecem fugir ao platonismo: “Porque o homem não é só corpo ou apenas alma, mas o que é constituído de alma e de corpo. Esta é a verdade: a alma não é todo o homem, mas é a melhor parte do homem; nem todo o homem é o corpo, mas a porção inferior do homem; quando as duas estão juntas, temos o homem” (A Cidade de Deus). A questão ainda está sujeita a discussão, mas exagerou-se demais o platonismo de Santo Agostinho neste particular. De qualquer forma, Santo Agostinho supera a desvalorização do corporal, tão essencial no platonismo e no neoplatonismo. O corpo é matéria, criação de Deus, e por isso, bom. Não é o cárcere nem o túmulo da alma: “Não é o corpo o teu cárcere, mas a corrupção do teu corpo. O teu corpo, Deus o fez bom, porque Ele é bom”. Também aqui poderíamos multiplicar os textos: “Todo aquele que quer eliminar o corpo da natureza humana desvaira”. E de forma inequívoca, numa obra tardia, o Sermão 267: “Perversa e humana filosofia é a dos que negam a ressurreição do corpo. Alardeiam serem grandes depreciadores do corpo, porque creem que nele estão encarceradas as suas almas, por delitos cometidos em outro lugar. Porém, o nosso Deus fez o corpo e o espírito; de ambos é o criador; de ambos o recriador”. (PEREZ, 2016, p.1).

A Alta Idade Média foi marcada pelo medo da condenação da alma ao inferno. A morte é vista como o castigo dado por Deus, desde a condenação de Adão, pela sua desobediência, segundo o livro do Gênesis. Um momento marcante deste período foi a inquisição da Igreja Católica, que condenava em praça pública os hereges e infiéis, questionadores da sua doutrina.

A partir do século XV a morte tornou-se uma ideia mais tranquilizante, se assim podemos dizer, no sentido que passa a não ser mais vista como condenação, mas como consequência ou ainda “descanso do corpo”. Filósofos desta época elaboraram meditações sobre a finitude, tais como Montaigne, que escreve sobre a boa vontade de viver, independente da idade em que se venha a findar: “A utilidade do viver não está na duração:

está no uso que dele fizemos. Uma pessoa viveu muito tempo e pouco viveu. Atentai para isso enquanto estás aqui. Ter vivido bastante está em vossa vontade, não no número dos anos” (MONTAIGNE, 2010, p. 81).

Montaigne resgata a noção de morte já estabelecida por Sócrates, autenticando uma vida que vale a pena ser vivida, na boa vontade e não nas coisas inúteis. Interessante destacar que para Montaigne o pensar sobre a morte é uma espécie de liberdade:

Meditar previamente sobre a morte é meditar previamente sobre a liberdade. Quem aprendeu a morrer desaprendeu a se subjugar. Não há nenhum mal na vida para aquele que bem compreendeu que a privação da vida não é um mal. Saber morrer liberta-nos de toda sujeição e imposição (MONTAIGNE, 2010, p. 69).

No período moderno, a preocupação ou reflexão sobre a morte vai ficando sem direção. Nas correntes filosóficas como o Iluminismo, na esteira do Renascimento, a morte é tida não mais como a passagem para uma vida eterna, mas o acontecimento de deixar de existir. A luz da Razão retira toda a preocupação com a morte e passa a se dedicar ao momento presente. No auge da filosofia racionalista, que de certa maneira deixa a fé de lado, as reflexões sobre a morte ficam em segundo plano.

A partir do século XX surge uma era de incertezas, o homem perde seu lugar no universo. O número de religiões aumenta e, paradoxalmente, o de ateus também. Este é o período do auge do movimento existencialista que busca resgatar a radicalidade do significado do existir humano. Sartre, filósofo existencialista, traz para essa corrente o conceito de humanismo segundo o qual o homem, a todo o momento, através da liberdade, está sempre por fazer-se escolher ser alguém. Segundo o filósofo, o homem não pode escolher existir, mas pode escolher o que fazer com sua existência.

Os existencialistas, tanto teístas quanto ateístas, buscam dar um sentido para a existência do ser humano. Partem de uma reflexão indireta também sobre o deixar de existir, sobre a finitude. Desta maneira, percebemos a inclinação das filosofias para pensar a finitude, desde os primeiros filósofos até os existencialistas do século XX. Todos têm em comum a busca por uma existência autêntica.

Na atualidade ainda se debate sobre o referido tema, embora as atuais produções sejam pouco lidas, por serem de difícil compreensão ou até mesmo por exercerem a função de tranquilização da existência. Como afirma Nietzsche:

Não compreendemos muito bem como os antigos sentiam as coisas as mais banais, as mais correntes, por exemplo, o dia e o despertar: como eles acreditavam no

sonho, a vigília tinha para eles uma outra luz. Ela era mesmo o essencial da vida, esclarecida por esse crepúsculo da morte e de sua significação: nossa morte é para nós, sem dúvida, uma outra morte (NIETZSCHE, 1950, p.47).

Nietzsche aponta para os filósofos antigos, os da antiga Grécia, que, segundo ele, sabiam ter uma existência de forma mais tranquila, tinham “outra luz”, uma luz essencial que ter-se-ia perdido com o passar do tempo. A própria morte para os antigos possuía um significado de plenitude, enquanto para os homens atuais é mais angustiada, temerosa e difícil de aceitar, tornando-se uma espécie de morte supra-corporal, de perturbações mentais.

2.2 Consciência sobre a finitude para tornar a existência autêntica

Diversos pensadores, ao longo da história da filosofia, buscaram um sentido para existência, para autenticar o existir, através de reflexões sobre a finitude humana. Devido à profusão dessas reflexões e seus consequentes discursos, a morte deixou de ser um tabu para os filósofos, passando a significar apenas o deixar de ser ou de estar no mundo.

A consciência sobre a finitude despertou em diversos filósofos a necessidade de viver uma vida que tivesse sentido, que trouxesse plenitude, ou melhor, que alcançasse a felicidade verdadeira. Desta maneira, começou-se a sugerir que a procura incessante sobre a felicidade possibilitaria ao ser humano se afastar das coisas opostas. Epicuro, filósofo do período helênico, escreveu uma carta para um amigo chamado Meneceu, expondo os princípios da felicidade; nela, expressa suas reflexões sobre a finitude:

Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade. Não existe nada de terrível na vida para quem está perfeitamente convencido de que não há nada de terrível em deixar de viver. É tolo, portanto, quem diz ter medo da morte, não porque a chegada desta lhe trará sofrimento, mas porque o aflige a própria espera (EPICURO, 2002, p. 97).

Para Epicuro, o sábio não deve temer a morte, tendo em vista que o bem e o mal estão nas sensações, sendo impossível sentir a morte enquanto se está existindo. A consciência da própria finitude não deve significar algo temeroso, mas sim a busca de viver a cada dia como se fosse o único, sem se preocupar em querer ser eterno. O filósofo ainda expressa que o deixar de viver não é terrível, talvez o mais terrível seja mesmo se preocupar com isso. A aflição estaria não na morte em si, mas na espera deste acontecimento.

Toda espera por algo é angustiosa, ainda mais quando essa espera diz respeito à própria existência. Angústia, aqui, não se confunde com o medo, algum tipo de depressão. Martin Heidegger esclarece a noção de angústia diante do deixar de existir:

A angústia diante da morte é angústia ‘diante’ do poder-ser mais próprio, incondicionado e insuperável. (...) A angústia não deve ser confundida com o medo diante do falecimento. Ela não é de modo nenhum uma tonalidade emotiva de ‘depressão’, contingente, casual à mercê do indivíduo: enquanto situação emotiva fundamental do ser-aí, ela constitui a abertura do ser-aí ao seu existir como ser-jogado no poder-ser mais próprio, incondicionado e insuperável, e se aprofunda a diferença em relação ao simples desaparecer, ao puro deixar viver e à ‘experiência vivida’ do falecimento (HEIDEGGER, 2006, p. 211)

Para Heidegger, angústia diante da morte é uma angústia de deixar de ser o que é para vir a ser outra coisa, algo sem condições. Daí a afirmação do filósofo de que o ser-aí seria uma abertura para o poder-ser, o ser incondicionado e insuperável. Já que não é possível uma experiência de vida para o que se findou, ou ainda não havendo reflexão sobre uma vida para aquele que deixou de ser, logo não se pode temer o que não se conhece.

Em suas reflexões, tanto Epicuro quanto Heidegger nos auxiliam a pensar sobre a finitude de forma a não nos preocuparmos com tal acontecimento. A preocupação com a finitude faz com que não vivamos o momento e nos angustiemos sem necessidade, como se antecipássemos algo que não depende de nós. É como esperar um ônibus sem saber o seu horário nem seu dia de chegada em determinado terminal e ali permanecêssemos, sem nos darmos conta de que o momento da espera pode ser vivido de forma a tornar a vida mais atraente. Desta maneira a não preocupação pela espera alivia o ser humano, permitindo-o viver de uma forma mais tranquila.

A consciência da finitude pode oferecer a oportunidade de gozar a vida abundante no agora. Não há dúvidas que existimos e deixaremos de ser. Cabe ao ser humano autenticar a própria existência.

(...) Existindo para a própria morte, ele [o ser-aí] morre efetiva e constantemente até que não tenha chegado a seu próprio falecimento. Que o ser-aí morra efetivamente significa, além disso, que ele já sempre decidiu, de um ou outro modo, quanta a seu ser-para-a-morte. O desvio cotidiano e degenerativo diante da morte é o *inautêntico*. Mas a inautenticidade tem na sua base a autenticidade possível. A inautenticidade caracteriza um modo de ser em que o ser-aí pode extraviar-se – e no mais das vezes se extraviou –, mas no qual não é obrigado a se extraviar necessária e constantemente (HEIDEGGER, 2006, p. 211).

Conforme Heidegger, portanto, existimos para a própria morte; o humano é, para ele, um ser que morre lentamente, a cada dia estamos chegando ao dia do nosso óbito. Por exemplo, para aquele que lê esse presente artigo, a cada página do mesmo, o tempo está passando e com ele a existência do próprio ser, constantemente, sem ter como barrar. Não que isso seja ruim, essa consciência é verdadeira e eficaz, pois, ao não se enganar, o homem torna-se responsável por aquilo que pratica.

O filósofo também destaca que quando a escolha de desviar-se desta própria condição finita faz com que a consciência não seja verdadeira, constituindo uma forma de iludir a si mesmo, um viver desprezando a própria existência. É errando nessa inautenticidade que o ser humano lentamente se perde e se angústia.

2.3 Os discentes do Ensino Médio e a necessidade da consciência finita

Para a formação atual dos jovens nas escolas públicas foi inserida a disciplina de Filosofia nos parâmetros legais da lei 11.684, a qual “altera o art. 36 da Lei no 9.394, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio” (BRASIL, 2008, p.1). Isto tem possibilitado uma educação que tome como princípio uma formação intelectual de forma a habilitar o discente a se tornar um cidadão ético e crítico na vida em sociedade.

A partir de 2008, com a obrigatoriedade da disciplina da Filosofia, a escola passa por uma nova transformação. De início, não havia professores suficientes formados na área para suprir a demanda. Comumente possuíam formação filosófica os que haviam estudado em institutos de seminários de formação de presbíteros da Igreja Católica, porém, nem todos possuíam reconhecimento de seus estudos pelo Ministério da Educação (MEC). Deste modo, muitos professores de filosofia eram formados em áreas de afinidade, como História.

A falta de formação propriamente filosófica aos docentes que lecionavam Filosofia foi uma das principais causas de diminuição do potencial crítico da disciplina de filosofia, no sentido que em vez de ensinar os alunos a filosofar, a criticar, a debater temas, ficou sendo apenas um passeio pelos contextos históricos dos filósofos, com poucas reflexões a respeito dos pensamentos dos autores, que é um dos principais objetivos da Filosofia. Nas Orientações Curriculares Para o Ensino Médio (OCEM), lemos:

O tratamento da Filosofia como um componente curricular do ensino médio, ao mesmo tempo em que vem ao encontro da cidadania, apresenta-se, porém, como um

desafio, pois a satisfação dessa necessidade e a oferta de um ensino de qualidade só são possíveis se forem estabelecidas condições adequadas para sua presença como disciplina, implicando a garantia de recursos materiais e humanos. Ademais, pensar a disciplina Filosofia no ensino médio exige também uma discussão sobre os cursos de graduação em Filosofia, que preparam os futuros profissionais, e da pesquisa filosófica em geral, uma vez que, especialmente nessa disciplina, não se pode dissociá-la do ensino, da produção filosófica e da transmissão do conhecimento. Considerando a reflexão acerca da Filosofia no ensino médio, cabe mencionar uma dificuldade peculiar: trata-se da reimplantação de uma disciplina por muito tempo ausente na maioria das instituições de ensino, motivo pelo qual ela não se encontra consolidada como componente curricular dessa última etapa da educação básica quer em materiais adequados, quer em procedimentos pedagógicos, quer por um histórico geral e suficientemente aceito (OCEM, 2006, p 15-16).

Após dez anos da obrigatoriedade da Filosofia no Ensino Médio a demanda dos profissionais formados na área está aliviando, os recursos pedagógicos estão mais flexíveis, e com isso o aluno está aprendendo, verdadeiramente, a filosofar, a produzir seus próprios conceitos a respeito da sociedade a qual vive.

Com profissionais qualificados e alunos que começam a produzir suas próprias reflexões, se faz necessário que o docente introduza ponderações sobre a finitude humana, no intuito de que o discente esteja apto a buscar, filosoficamente, um sentido para a própria existência, auxiliando-o a pensar sobre a importância de viver uma vida autêntica, voltada aos valores éticos.

É de extrema importância que os jovens se voltem a si mesmos e se reconheçam como seres no mundo, capazes de produzir grandes verdades e também grandes erros. Seres que vivem em sociedade, que a todo o momento se deparam com as próprias necessidades e as de outros, que se engajam no mundo e assumem responsabilidades pelas suas escolhas (boas ou não), neste que é um momento histórico marcado pelo grande avanço tecnológico, permitindo às pessoas estarem cada vez mais interligadas, onde não há distância para uma mensagem de afeto ou de ódio. Não por acaso, os que participam destes meios, em sua maioria, são os jovens, os quais nem sempre possuem uma consciência do que estão fazendo no meio virtual.

Estes avanços permitem que pessoas que estão a longas distâncias se aproximem, que se visualize, em tempo real, notícias de qualquer parte do mundo; eles alteram, também, os modos de estudar e trabalhar e concedem muito mais benefícios quando se possui acesso à internet. Porém, há muitas desvantagens no mau uso, como por exemplo, os muitos assédios que são praticados por pessoas neuróticas em relação a menores de idade (a chamada pedofilia). Este é o meio, portanto, em que crianças e jovens também podem se tornar vítimas. Outros exemplos, estão ligados ao mau uso, como o isolamento, o egoísmo, o compartilhamento em redes sociais de tudo o que se pensa ou faz etc.

Em uma entrevista feita por Ingrid Fagundez, Dda BBC Brasil, em São Paulo, em 25 de agosto de 2016, com o filósofo e escritor Mario Sergio Cortella, no lançamento de uma de suas obras. *Por que fazemos o que fazemos?*. o filósofo destaca que:

A primeira coisa que desencadeou foi um tsunami tecnológico, que nos colocou tantas variáveis de convivência que a gente fica atordoado. A lógica para minha geração foi mais fácil. Qual era a lógica? Crescer, estudar. Era escola, e dependendo da tua condição, faculdade. Não era comunicação em artes do corpo. Era direito, engenharia, tinha uma restrição. Essa overdose de variáveis gerou dificuldade de fazer escolhas. Isso produz angústia em relação a esse polo do propósito. Por que faço o que estou fazendo? Faço por que me mandam ou por que desejo fazer? Tem uma série de questões que não existiam num mundo menos complexo. Não foi à toa que a filosofia veio com força nos últimos vinte anos. Ela voltou porque grandes questões do tipo "para onde eu vou?", "quem sou eu?", vieram à tona (CORTELLA, 2016, p.1).

Para Cortella, há uma similaridade entre duas gerações, a atual e a que o pertenceu. O avanço tecnológico e a diversidade de escolhas que este meio oferece geram conflitos mentais no jovem, impossibilitando uma escolha coerente com o que deseja ser como profissional ou outra escolha que envolva sua existência. O filósofo destaca ainda a importância irrecusável da filosofia nos últimos anos, nas escolas, que tem possibilitado aos jovens retornarem às questões sobre o fazer humano, tendo em vista, principalmente, o vazio existencial no qual muitos jovens se encontram (tendo, inclusive, aumentado a taxa de suicídio nos últimos anos).

De assunto mantido entre quatro paredes a tema de série na internet, o suicídio de jovens cresce de modo lento, mas constante no Brasil: dados ainda inéditos mostram que, em 12 anos, a taxa de suicídios na população de 15 a 29 anos subiu de 5,1 por 100 mil habitantes em 2002 para 5,6 em 2014 - um aumento de quase 10% (FERNANDA, 2017, p.1)

Considerando esta preocupante situação, caberia à disciplina da Filosofia auxiliar os jovens a fazerem juízos sobre a forma como utilizam as tecnologias, analisando até que ponto ela é útil e profícua para sua sobrevivência ou existência. É dever da filosofia cautelar o discente, cumprindo um papel socrático, questionando e mostrando a realidade das coisas, a própria finitude, e, com isso, mostrando a preciosidade dos momentos que se vive, uma valorização da própria existência.

Um aluno que conclui o Ensino Médio com uma consciência sobre a própria finitude, sem procurar enganar-se a respeito desta condição, será um indivíduo que vive todos os momentos de sua existência com autenticidade.

3. DIDÁTICA PARA O TEMA FINITUDE HUMANA COM DISCENTES DO ENSINO MÉDIO

Para o ensino sobre o tema da finitude humana na disciplina de Filosofia existem diversas ferramentas didáticas. Tentaremos, abaixo, discutir algumas destas estratégias, através das ideias de alguns pensadores.

Rocha, em seu artigo “A didática como arte da graça”², mostra a importância da didática do professor para o processo de ensino-aprendizagem. Rocha faz uma analogia com um bom roteirista que é capaz de convencer os seus interlocutores, utilizando-se de técnicas, fazendo planejamentos, usando instrumentos, pesquisas, etc., da mesma maneira com que um professor pode atuar em sala de aula, utilizando métodos que seduzam o aluno para o aprendizado e assim contribuindo com eficácia na formação do mesmo, de maneira prazerosa.

Quando a disciplina é ofertada por pessoas que não estão habilitadas na matéria, e mais ainda quando não se tem uma metodologia adequada, torna-se, muitas vezes, maçante para o aluno, sobretudo no Ensino Médio, numa fase da adolescência em que o “mundo” lhe atrai mais do que a crítica filosófica. Neste contexto o tema sobre a finitude humana faz até mesmo com que o aluno deteste filosofia e não aprenda com qualidade. O professor deve possuir uma didática atraente, não bastando, para isso, o conhecimento dos conteúdos, mas o saber como fazer a ponte destes para o estudante, de forma a oferecer uma boa compreensão daquilo que é ensinado.

Segundo Maria Rodrigo,³ o professor seria um reformulador de conhecimento, aquele que é semelhante a Sócrates nos seus métodos, utilizando-se da maiêutica e da ironia para a formulação de conhecimento para os alunos. Sendo assim, ao trabalhar sobre a finitude humana, o professor não deve trazer um discurso pronto, mas tornar-se um reformulador do saber, trazer uma nova fórmula para a aprendizagem sobre o tema, métodos atrativos e a reformulação de novos pensamentos que fazem com que os discentes possam fazer uma reflexão a respeito da finitude e autenticar a própria existência.

Utilizamos como exemplo um professor que atua no Ensino Médio e traz à aula um texto filosófico crítico de determinado autor, pedindo que os alunos o leiam, depois do que, o professor retoma o texto para ler junto com os alunos, explanando o que o autor quis dizer e indagando-os sobre o assunto tratado, utilizando-se de didáticas distintas.

A autora mostra dois grupos distintos no ensino de Filosofia, os que produzem o saber filosófico (o caso dos filósofos) e o professor de filosofia que ensina o saber. O filósofo é o

² Texto na íntegra em ROCHA, 2009, 39-59.

³ Texto na íntegra em RODRIGO, 2009, 79-93.

pesquisador, que procura a todo instante a sabedoria e muitos professores de filosofia (os não filósofos) tendem apenas a repassar os conteúdos prontos. Contudo, Lidia faz uma crítica àqueles que hierarquizam, ou seja, colocam o filósofo acima do professor de filosofia, e propõe que o professor também deva ser um pesquisador que ajuda o aluno a produzir o conhecimento. Sendo dever do professor de filosofia elaborar problemas para os alunos, utilizando-se de boas didáticas para que os mesmos se indaguem e busquem respostas.

3.1 Relação de finitude humana com a vivência dos discentes

Como fazer uma relação entre a vida do aluno e o assunto da finitude? De principio parece incômodo ou incoerente discutir tal tema. No entanto, essa discussão faz com que os discentes observem sua própria vivência no meio pelo qual vive. Poderão observar como ele vive em uma sociedade a qual grande massa dos jovens possui uma vida desenfreada, buscando prazeres de modo a destruir seu próprio organismo, percebendo-se como participante ou apenas observador de tais modos de viver. Com tais discussões sobre o referido tema e as observações obtidas pelo próprio jovem discente, pode construir uma nova maneira de viver, nos valores ético e autêntico. Pois o mesmo começa a avaliar o que é bom ou ruim, ético ou antiético, verdadeiro e falso, tendo em vista que passa a ter uma consciência do viver e deixar de existir.

Jovens e adultos procuram encontrar a felicidade nos vícios. Acreditam que ao ingerir drogas ou praticar sexo sem limites terão a melhor vida possível. No entanto, quando a consciência do que de fato está fazendo com seu próprio corpo se lhe apresentar, não é certo que terá tempo hábil para a recuperação.

Os jovens constituem o grupo populacional que apresenta maiores problemas de consumo de bebidas alcoólicas. Estudos mostram que mesmo o baixo consumo está relacionado à maior risco de acidentes, a uso de drogas psicotrópicas e comportamento de risco, incluindo sexo desprotegido do uso de preservativo. Ao longo prazo, o consumo de bebidas alcoólicas pode levar ao suicídio e a doenças crônicas, incluindo desordens mentais, câncer, hipertensão arterial sistêmica, obesidade, acidente vascular cerebral, polineuropatias, demência, convulsões e neoplasias do tubo digestivo (STRAUCH, 2009, p. 648).

Parte dos jovens está cada vez mais habituada à ingestão excessiva de bebidas alcoólicas, levando a sintomas como desordem mentais, câncer e outras doenças que poderiam ser evitadas no não consumo.

Os hábitos dos jovens que permitem o uso de tais substâncias estão associados ao mau uso da própria liberdade, a uma falta de consciência do que o indivíduo quer de si. Contudo, em alguns casos, a responsabilidade pode recair sobre a própria família ou ainda sobre a condição social em que vive. Como afirma Martins:

Os dependentes do álcool e sua família estão sujeitos a vivenciar algumas das expressões da questão social. Entre essas expressões, destacam-se o desemprego, a subhabitação, a desnutrição, a precarização dos serviços de saúde e outras problemáticas que atingem, especialmente, a população de baixa renda, sobre a qual incidem de forma mais perversa as desigualdades sociais (MARTINS, 2007, p. 85).

O contexto social em que o jovem está inserido, muitas vezes, por parte dos pais, devido ao desemprego ou emprego com salários indignos, gera uma má condição de vida. Para escapar da situação presente, os pais ou responsáveis por esses jovens passam a consumir bebidas, vender drogas ou, em alguns casos, a prostituir-se, levando, com isso, os jovens a tomarem o mesmo rumo da família.

O impacto da doença do alcoolismo não incide somente no contexto social mais amplo e na saúde do dependente, uma vez que, a dependência do álcool interfere também na relação familiar, pois os componentes da família vivenciam diariamente a realidade do familiar que enfrenta a dependência do álcool. É importante, portanto, ter clareza de como esse fenômeno se manifesta na relação familiar (MARTINS, 2007, p. 25).

A maior parte dos jovens se afunda no alcoolismo, tendo em vista que no Brasil o álcool é uma droga lícita, tornando-se mais fácil o acesso à mesma. Além dos problemas de saúde, o álcool prejudica a família, pois percebe-se que pessoas embebedadas não conseguem tomar decisões coerentes e arruína a própria prole. O álcool prejudica o desenvolvimento do fazer humano, do afeto, a relação amorosa entre os demais do grupo familiar e comunidade a qual pertence.

Educadores percebem, no processo do aprendizado, a carência que um aluno exprime quando lhe falta o afeto familiar, prejudicando-o nos seus estudos. Cabe destacar que a família possui um papel fundamental na educação destes jovens, pois é em seu núcleo que as práticas éticas e certos comportamentos são produzidos. Quando nos referimos aqui à família apontamos não somente para os laços sanguíneos, mas para as relações que abrangem todas as pessoas que vivem em uma mesma casa, em um espaço, em comum.

A educação é um processo associado ao grupo familiar, e em seguida ao grupo escolar e à própria sociedade.

A educação é um direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Observa-se, desse modo, que educação não é dever exclusivo do Estado, tendo também a família igual responsabilidade. Além disso, a sociedade também deve colaborar. O objetivo da educação é o desenvolvimento pleno da pessoa, ou seja, em todos os aspectos e dimensões e seu preparo para viver e participar da sociedade – cidadania, estando preparado para o trabalho (RUSSO, 2013, p.1).

Na educação, tanto na família, quanto na escola, pouco se fala, sobre a finitude humana. O jovem discente vive como se fosse eterno. Findar, para o jovem, é assunto para os mais velhos. A participação na morte de um ente querido traz uma angústia ao jovem, pelo fato de não estar preparado para tal situação. Ocorre o que chamamos de susto diante da morte. É necessário participar dos ritos fúnebres aos quais os entes queridos findam, percebendo que a existência carnal⁴ não é eterna. Também, é uma forma de estar reavaliando a própria existência.

Algo assustador para quem nunca fez uma reflexão profunda sobre a finitude humana, mas para aqueles que convivem e pensam a respeito, torna-se um rito de passagem, um adeus, um até logo, algo natural, pelos quais todos chegarão.

3.2 Metodologias para aplicar o tema finitude aos discentes

É necessário elaborar métodos para bem aplicar o tema a finitude. Vale ressaltar que não se conhece o método mais eficaz para isso, tendo em vista que estamos discutindo, justamente, a possibilidade de se trabalhar sobre o referido assunto. A melhor forma de praticar/elaborar um método, de início, é fazendo uma análise do ambiente onde ele será executado. Ambiente no sentido de para e com quem o docente aplicará a suas metodologias. Neste caso, é preciso observar a cultura já na qual os jovens discentes estão inseridos, procurar entender o comportamento dos mesmos em relação à finitude de animais de estimação e de seus entes queridos.

Também é preciso utilizar-se de métodos que não agravem a cultura do aluno, mas de maneira lenta, para que não sejam gerados conflitos mentais, induzi-los a breves leituras de textos que tratam o assunto, podendo-se utilizar literatura ficcional para, em seguida, entrar com os textos propriamente filosóficos que trazem um aprofundamento mais elaborado a respeito da finitude.

⁴ Refiro-me aqui em uma existência carnal, terrena, no sentido em que grande parte da sociedade creem em uma existência imortal que seria a alma. Vale ressaltar que a morte em grande parte da sociedade é vista como uma passagem para um plano espiritual.

Ainda é necessário propor reflexões, escritos sobre a importância e a valorização da vida, da sua e das dos demais; sugerir trabalhos que valorizem a vida, o cuidado com o existir; elaborar atividades diversificadas, como pesquisas com idosos, para escutar suas histórias, o que ajudará o próprio aluno a seguir exemplos éticos e afastar-se do que é mau, além de valorizar e alegrar a vida de um idoso, aos quais poucos possuem a paciência de ouvir.

Depois disso, pesquisas poderão ser feitas, com compartilhamento na sala de aula, troca de experiências, debates e reflexões, podendo, também, se for o caso, publicar uma página na internet (site/blog/redes sociais) para trocar ideias e partilhar histórias.

Compete ao docente uma boa preparação, com cautela, no intuito de promover reflexões sobre a finitude humana, na ideia de valorizar da vida presente. Uma forma de buscar a felicidade de maneira autêntica.

Derivado do grego *méthodos*, formado pelo prefixo *metá*, "além de", "através de", "para", e o radical *odós*, "caminho". Poder-se-ia, então, traduzir a palavra por "caminho para" ou, então, "prosseguimento", "pesquisa". O método é um processo intelectual de abordagem de qualquer problema mediante a análise prévia e sistemática de todas as vias possíveis de acesso à solução. Opõe-se, pois, a um modo de trabalhar confiado exclusivamente na improvisação ou na inspiração repentina. O método é apenas uma disciplina mental, e não pode, por si, suprir o talento nem muito menos a genialidade. Entretanto, um talento, mesmo modesto, trabalhando metodicamente, pode conseguir resultados maiores e mais duradouros, do que um grande gênio habituado à boêmia intelectual (ÁVILA, 1967, *apud* GREGÓRIO, 2010, s/p.).

3.3 Reflexões filosófico-pedagógicas sobre a proposta do tema finitude

Mostrar a realidade finita aos jovens parece ser algo superficial, inaceitável para eles, deixando-os, por vezes, em crise existencial. Isso não deveria ocorrer, tendo em vista que se observarmos desde o senso comum, percebemos que, na história da existência humana, todos os que nos antecederam chegaram a morrer, por isso afirmamos que somos finitos. E isso deveria ser algo natural para o jovem e para todos pensarmos.

O senso comum nos faz entender que tudo o que existe em algum momento deixará de existir e, mesmo assim, parece que o ser humano não quer aceitar a própria finitude. Vive, por isso, de maneira tal como se fosse eterno, produzindo, inventando, como se não tivesse um fim. Alguns, mais conscientes da mortalidade, ainda afirmam que o que produz é para deixar as próximas gerações. O que constitui, talvez, um desejo de continuar "vivo" na memória de outrem. De tal modo que tudo o que produzimos ou acumulamos parece ser um desejo de imortalidade.

Ao chegar a certa idade de existência, começamos a pensar se realmente valeu a pena ter acumulado tanto e não ter vivido uma vida autêntica, no sentido de ter passado toda a existência tendo sido, talvez, quem não era: como profissional espetacular, por exemplo, que, no entanto, não viveu a vida, deixou de sair com os amigos, esposo(a), filhos(as), para trabalhar e juntar aquilo que nem sempre era de fato necessário para sua sobrevivência ou da prole.

É dever da filosofia, a meu ver, trazer a verdade, descortinar aquilo que está escondido na mente. Acredito que quando o ser humano possui a consciência da mortalidade começa a ter uma vida autêntica, sem fingimentos, sendo quem realmente é.

A meu ver, esse tema deve ser abordado no Ensino Médio não para que os alunos entrem em crise existencial ou para que não sejam profissionais, que não trabalhem etc., mas pelo contrário, para que saibam escolher uma profissão de que realmente gostem, que trabalhem vivendo sua vida autêntica e que saibam controlar o tempo e realmente viver uma vida com as pessoas que os rodeiam, se assim o desejarem.

Assim, pretende-se que os estudantes com tal consciência vivam com dignidade, humildade, respeitando a si mesmos e aos outros, independentemente de classe social, religião ou cor de pele, pois todos terão a mesma sina. Portanto, resta que todos tenham uma vida voltada aos valores éticos, valores estes que os traduzem como seres que pensam o bem do próximo e de si mesmos.

A proposta sobre o tema a finitude para o Ensino Médio no ensino da disciplina de Filosofia é colocar os jovens discentes a fazer filosofia, a pensar aquilo que parece óbvio, ou que se esconde, ou ainda, aquilo que a sociedade tem como tabu. De maneira pedagógica o ensino sobre a finitude pretende proporcionar uma reflexão do aluno sobre o seu próprio ser, sem ideologias, mas exercendo a liberdade de expressar e entender o conhecimento de fato sobre o tema.

Serão as crianças que construirão suas filosofias e seus modos de produzi-las. Não é mostrando que as crianças podem pensar como adultos que vamos revogar o desterro de sua voz. Pelo contrário, nesse caso haveremos cooptado, o que constitui uma outra forma de silenciá-las. Seria mais adequado preparar-nos para escutar uma voz diferente como expressão de uma filosofia diferente, uma razão diferente, uma teoria do conhecimento diferente, uma ética diferente e uma política diferente: aquela voz historicamente silenciada pelo simples fato de emanar de pessoas estigmatizadas na categoria de não adultos (KOHAN, 1999, p.70).

Kohan coloca os novos pensadores, as crianças, como possibilidade de um mundo melhor. Os jovens do Ensino Médio, não são crianças nem adultos. É necessário que estes

jovens busquem pensar sobre a existência, sobre a finitude e com isso colaborem na construção de um mundo melhor.

O estudo sobre a finitude pode abranger outros professores de diferentes áreas do conhecimento, de maneira interdisciplinar, (professores de Biologia podem trabalhar sobre o início e fim da vida; de Língua Portuguesa, as literaturas e poemas; os de Geografia e História poderão mapear a taxa de mortalidade, o contexto histórico, etc). A Filosofia como disciplina que propôs o referido tema, poderá fazer uma avaliação, reflexão, de maneira a estimular os alunos a produzirem pensamentos que permitam abertura a possibilidades de viver de uma forma digna e autêntica, com base nos princípios éticos de um ser racional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das relações que estabelecem entre si, os homens criam padrões comportamentos, instituições e saberes, cujo aperfeiçoamento é feito pelas gerações sucessivas, o que lhes permite assimilar e modificar os modelos valorizados em uma determinada cultura. É a educação, portanto, que mantém viva a memória de um povo e dá condições para sua sobrevivência. Por isso dizemos que a educação é um instância mediadora que torna possível a reciprocidade entre indivíduo e sociedade (ARANHA, 1996, p.15).

Concluo esta reflexão filosófico-pedagógica sobre o tema da finitude humana no ensino de Filosofia no Ensino Médio com a menção, acima referida, a Maria Lúcia Aranha, que destaca que, com o passar das gerações os modos de agir vão sendo modificados. Os comportamentos que traduzem, em uma época, um ser moralmente responsável, pode, com o passar do tempo, serem considerados, por muitos jovens, cafonas ou desnecessários, destruindo, assim, valores essenciais. A autora destaca que é pela educação que se mantém a memória de um povo, dando-lhe condições para a própria sobrevivência, sendo a educação uma forma de harmonizar o indivíduo e o meio onde vive.

A filosofia possui, na educação, um papel importantíssimo que não se resume a conteúdos que ficam arquivados nas anotações ou esquecidos pelos discentes. A filosofia é vida, mostra e atrai os mesmos para a reflexão, para formular conceitos que antes apenas acreditavam conhecer.

O problema central não está no aluno não querer estudar, não querer fazer regimes, não querer tomar banho. O problema está em não se reconhecer como um ser humano, como um ser que age, que pensa, que sente, que existe e que deixará de existir. Por esse caminho, pode-se passar toda a existência em coisas fúteis e ao se chegar em idade avançada, perceber que se esteve tão preocupado em coisas sem sentido algum...

Finalizo esta proposta na reflexão de que no mundo contemporâneo, em meio ao digital, relações virtuais, trabalhar sobre o tema a finitude no Ensino Médio é resgatar o humano dos jovens. Para que estes, que estão, em muitas ocasiões, desanimados, desorientados, entregues aos prazeres que não condizem com um ser ético, vícios que destroem o próprio ser e os que os rodeiam, tornem-se novos jovens, que sejam capazes de reavaliar a sua existência. E é através da educação que muitos jovens abrem a mente para pensar a finitude, o existir, o ser, o sentir, o viver, o ser feliz.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. 1996. **Filosofia da educação**. 2ª ed., São Paulo: Moderna.
- ÁVILA, F. B. de S.J. 1967. **Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo**. Rio de Janeiro: M.E.C.
- BRASIL. **Decreto** nº 11.684, de 2 de junho de 2008. Altera o art. 36 da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a filosofia e a sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111684.htm> Acesso em 20/maio/2018.
- CORTELLA, S. Mário. 2017. **Viver em Paz para Morrer em Paz**. Ed. Planeta.
- COTRIM, G. 2006. **Fundamentos da Filosofia**. SP: Saraiva.
- DOI CAVALCANTE MURER, Poliana. **A morte nos ensina a viver**. Disponível em: <<http://filosofia.uol.com.br/a-morte-nos-ensina-a-viver/>> Acesso em 07/01/2018.
- DUROZOI, G. e ROUSSEL. 1993. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus.
- EPICURO. 2002. **Carta sobre a felicidade [a Meneceu]**. São Paulo: ed. Unesp.
- ESCÓSSIA, Da Fernanda. 2017. **Crescimento constante: taxa de suicídio entre jovens sobe 10% desde 2002**. Do Rio de Janeiro para a BBC Brasil. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-39672513>> Acesso em 20/maio/2018.
- FAGUNDEZ, Ingrid. Entrevista com Mario Sérgio Cortella. Da BBC Brasil em São Paulo, 2016. Disponível em <<http://www.bbc.com/portuguese/geral-36959932>> Acesso em 20/maio/2018.
- GREGÓRIO, Biagi Sérgio. 2010. **Dicionário de Filosofia**. Disponível em: <<https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/p%C3%A1gina>> Acesso em 25/maio/2018.
- HEIDEGGER, M. 1986. *Sein und Zeit. Tübingen*: M. Niemeyer.
- HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. In REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. 2006. **História da Filosofia**. vol 6: De Nietzsche à Escola de Frankfurt. São Paulo: Paulus.
- IVONILDA, Maria. s/d. **Sócrates: filosofia, vida e morte**. Disponível em: <<https://www.revistaamalgama.com.br/06/2013/a-morte-de-socrates-emily-wilson/>> Acesso em 07/01/2018.
- KANT, Immanuel. 1993. **Crítica da faculdade do juízo**. Tradução de Valério Rohden e Antônio Marques. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- KOHAN, Walter O. & WUENSCH, Ana Míriam (orgs.). 2000. **Filosofia para crianças: a tentativa pioneira de Matthew Lippman**. Petrópolis: Vozes. (Col. Filosofia na Escola, vol. 1).

MARANHÃO, J. L. S. 1998. **O que é morte**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Coleção Primeiros Passos)

MARTINS, Jorge Santos. 2007. **O trabalho com projetos de pesquisa: do ensino fundamental ao ensino médio**. 5 ed. Campinas, SP: Papirus.

MONTAIGNE, M. 2010. **Que filosofar é aprender a morrer**. In idem, Os Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras.

MORIN, E. 1997. **O homem e a Morte**. Ed. Rio de Janeiro: Imago.

NIETZSCHE, F. 1950. *Le gai sa voir*. Paris: Gallimard.

Orientações Curriculares para o Ensino Médio – OCEM: **ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação - Secretária de Educação Básica; 2006.

PASCAL, Blaise. 1979. **Pensamentos**. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural. (Col. Os pensadores).

PENHA, J. 2001. **O que é existencialismo**. 1ª. ed. São Paulo: Brasiliense. (Coleção primeiros passos)

PEREZ, Rafael Gómez. 2016. **A filosofia de Santo Agostinho**. Quadrante. Disponível em: <<http://blog.quadrante.com.br/a-filosofia-de-santo-agostinho/#comments>> Acesso em: 20/05/2018.

PLATÃO. 1980. **Defesa de Sócrates**. In: Sócrates. Seleção de textos. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural. (Col. Os Pensadores).

PLATÃO. 1987. **Fédon**. In: Platão. Seleção de textos. 4ª edição. São Paulo: Nova Cultural. (Col. Os Pensadores).

PLATÃO. 2001. **Mênnon**. Texto estabelecido e anotado por John Burnet; trad. Maura Iglésias. Rio de Janeiro, RJ: Ed. PUC-Rio; Loyola.

PRODOSCIMI, Francisco. s/d. **A ciência e a morte**. Disponível em: <<http://www2.bioqmed.ufrj.br/prodocimi/divulgacao/CienciaEMorte.pdf>>. Acessado em: 11/abril/2018.

ROCHA, Pires Ronai 2009. ‘A didática na disciplina de filosofia’ In: TRENTIN, Renê; GOTO, Roberto (orgs.). **A filosofia e seu Ensino – Caminhos e sentidos**. Col. Filosofar é Preciso, São Paulo.

RODRIGO, Lígia Maria. 2009. “O Filósofo e o professor de filosofia: práticas em comparação”. In: TRENTIN, Renê; GOTO, Roberto (orgs.). **A filosofia e seu Ensino – Caminhos e sentidos**. Col. Filosofar é Preciso, São Paulo: Ed. Loyola, pág.79-93.

RUSSO, Luciana. 2013. **Educação na Constituição de 1988**. Disponível em: <<https://lucianarusso.jusbrasil.com.br/artigos/112019695/educacao-na-constituicao-de-1988>> Acesso em 23/maio/2018.

SANTO AGOSTINHO. 1987. **Confissões; De Magistro**. Tradução J. Oliveira Santos, Ambrósio de Pina e Angelo Ricci. São Paulo: Nova Cultural. (Coleção Os Pensadores).

SARTRE, J. P. 1978. **O existencialismo é um humanismo**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha traduções de Virgílio Ferreira et al. São Paulo: Abril Cultural.

STRAUCH, E. S. et al. 2009. **Uso de álcool por adolescentes: estudo de base populacional**. **Revista de Saúde Pública**, v. 43, n. 4.

WILSON, Emily. 2013. **A morte de Sócrates**. Tradutor Fátima Siqueira. Ed. Record.